

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FAÇULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM CVII

ETNOGRAFIA
e
LINGUA TUPI-GUARANI
N.º 18

Carlos Drumond

NOTAS SOBRE CERÂMICA BRASÍLICA



SÃO PAULO — BRASIL
1950

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Reitor da Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Luciano Gualberto

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Prof. Dr. Eurípedes Simões de Paula

Professor de Etnografia e Língua tupi-guarani

Prof. Dr. Plínio Ayrosa

Assistentes:

*Dr. Carlos Drumond — Bel. Jörn Jacob Philipson — Lic. Maria de
Lourdes Joyce*

Toda correspondência relativa ao
presente Boletim e as publicações em
permuta deverão ser dirigidas à

All correspondence relating to the
present Bulletin as well as exchange
publications should be addressed to

CADEIRA DE ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANI

Faculdade de Filosofia — Caixa Postal 105-B — São Paulo — Brasil

CARLOS DRUMOND

Notas sobre Cerâmica Brasileira

SÃO PAULO

1950



Estas notas não tem outro objetivo senão o de tornar conhecidas duas interessantes peças de cerâmica existentes no Museu da Fac. de Filosofia, da Universidade de São Paulo. Uma delas é representada por um bocal de vaso, o qual supomos, serviria para o preparo de bebidas. Por suas características não deixa dúvida que é elemento cultural pertencente aos antigos tupi-guaranis litorâneos. Foi encontrada na Praia Grande, Estado de São Paulo, pelo Dr. Plínio Ayrosa, em 1935. A outra, suporte para panelas(?), é proveniente da Ilha de Marajó, e somente há pouco passou a integrar as coleções de nosso Museu, graças à gentil oferta do Exmo. Snr. Dr. Ademar de Barros, Governador do Estado.

Estando presentemente interessado no estudo da cerâmica tupi-guarani, tivemos oportunidade de examinar as coleções arqueológicas pertencentes ao Museu Nacional do Rio de Janeiro e ao Museu Paulista. Não encontramos, entre as peças classificadas como tupi-guaranis, um vaso sequer tendo bocal similar ao existente em nosso Museu. Na literatura consultada também não nos foi possível coligir informes para uma perfeita identificação da peça, pois todos os objetos descritos ou representados, (urnas funerárias, panelas, recipientes diversos), dão a impressão de ter bocal diferente. Todavia, em algumas gravuras que se encontram nas obras de Hans Staden e Thevet, há vasos cujos bocais em muito se assemelham ao que estamos estudando.

Na coleção de cerâmica tupi-guarani do "Museu Julio de Castilho" do Rio Grande do Sul, afigura-se-nos também não existir peça igual, pois Antonio Serrano (1) que estudou os principais exemplares da referida coleção, não descreveu nem representou vaso algum com bocal análogo.

Em excelente artigo, Max Schmidt (2) estudou as peças de cerâmica tupi-guarani que se encontram no "Museo de la Sociedad Científica del Paraguay". Embora seja trabalho dos mais alentados sobre o assunto, não deparamos, nem na descrição das peças, nem nas fotografias publicadas, nada que se assemelhe ao bocal em questão o mesmo, podemos dizer, ocorre no conhecido trabalho de Métraux sobre a civilização material dos tupi-guaranis (3).

(1) — Antonio Serrano — *Subsidios para a arqueologia do Brasil Meridional*. In Revista do Arquivo Municipal, Volume XXXVI, São Paulo, 1937.

(2) — Max Schmidt — *Nuevos hallazgos prehistoricos del Paraguay*. In Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, tomo III, n.º 3. Asuncion, Octubre, 1932.

(3) — A. Métraux — *La civilization matérielle des tribus tupi-guaranis*. Paris, 1928.

Conquanto supondo ser o único exemplar até agora encontrado, não é nosso intuito negar a possibilidade de existir um outro, ainda desconhecido, em museus ou em coleções particulares. Não se ignora que a falta de excavações sistemáticas, com caráter científico, tem constituído o maior entrave ao desenvolvimento dos estudos arqueológicos referentes aos primitivos habitantes do litoral brasileiro. São ainda relativamente poucas as peças completas até agora encontradas. Em sua maior parte estão representadas por vasos tidos por urnas funerárias e algumas vasilhas que serviriam à guisa de panelas. Enquanto não contarmos com maior número de peças que forçosamente devem existir nos sítios outrora habitados pelos tupi-guaranis litorâneos — torna-se precário qualquer estudo que pretenda ter caráter definitivo.

Tendo presente tais dificuldades procuramos sempre nos manter no campo das conjecturas, evitando as afirmações sentenciosas. Com a descrição que se segue da peça em apreço, acreditamos fornecer elementos seguros aos estudiosos do assunto para abonar ou contrariar a assertiva de que se trata do único exemplar até agora conhecido.

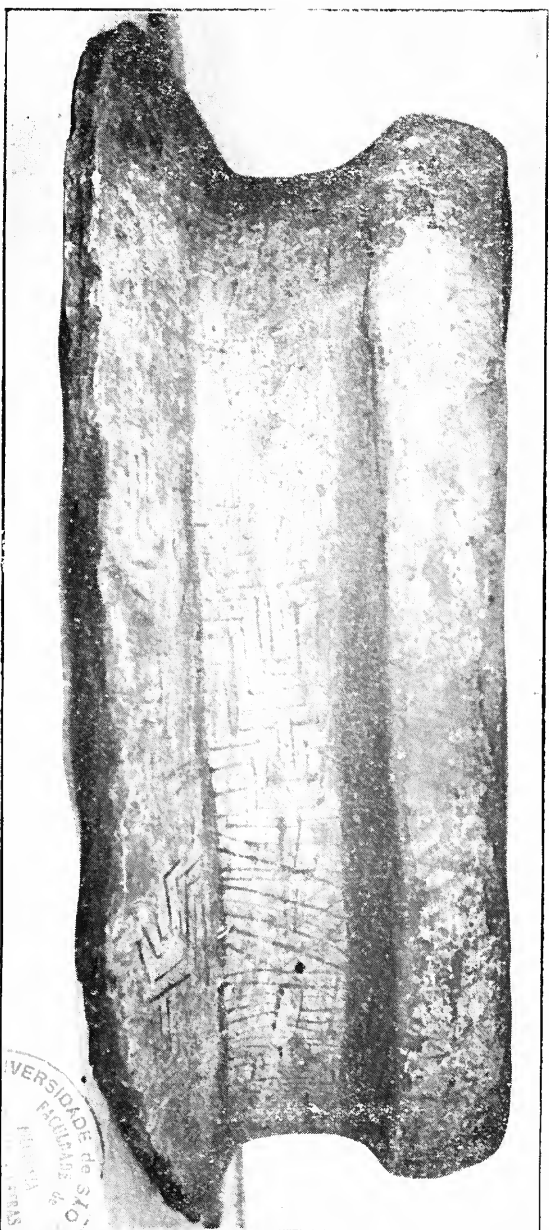
O diâmetro da abertura do bocal, que é de forma circular, mede 28,5 cms. A abertura termina por uma borda de reforço, saliente do lado externo, de 3,5 cms. de altura e espessura variável entre 1,2 a 2,0 cms. O colo do bocal mede 5,5 cms. de altura e a sua espessura oscila entre 1,0 e 1,5 cms. Internamente, na linha de contacto do colo com a parede do corpo do vaso, a peça está provida de um consolo — o qual reputamos uma das suas características mais importantes — tendo em média 1,8 cms. de largura, e espessura, também média, de 1,0 cm. O consolo parece que deveria servir de apoio para uma tampa. O diâmetro do círculo formado pelo consolo é de 22,0 cms.

A espessura média, da parede que restou do corpo do recipiente, é de 1,3 cms.

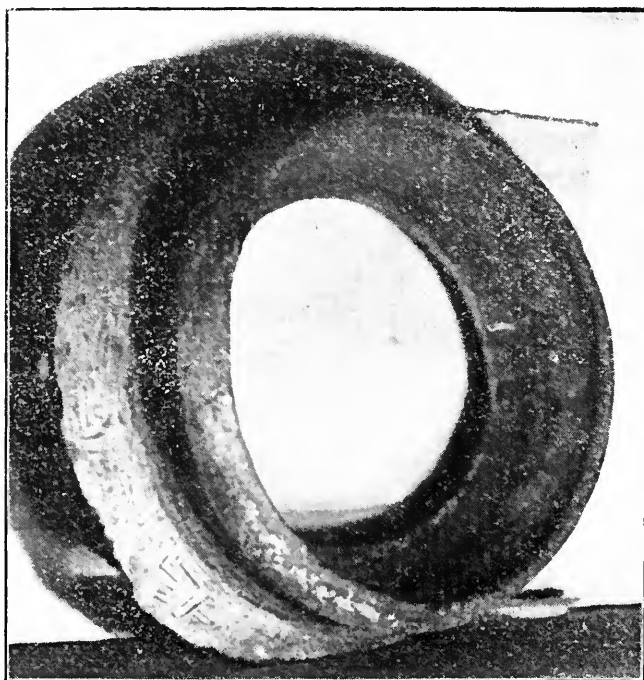
A peça deve ter sido confeccionada segundo o **processo de enrolamento**. Fraturas horizontais que se verificaram na linha de encontro do colo e da parede do vaso, e do colo e da borda de reforço do bocal, documentam que esse foi o processo seguido.

Internamente, em seu aspecto geral, a peça apresenta-se mal polida, isto é, o alizamento é irregular, bastante falho. Todavia, deve ter havido desgaste da camada superficial da argila pela ação do tempo, ou por outro agente qualquer, pois há pequenos trechos onde o alizamento ainda é relativamente uniforme.

Externamente o bocal é revestido de uma camada de tinta clara, a qual posto que em parte lesada pelo tempo, não resta dúvida era de cor branca. Sobre esta camada branca foram desenhados motivos ornamentais feitos com tinta vermelha.



Fragmento do vaso. Gabinete de Etnografia da Fac. de Filosofia



A mesma peça da fot. anterior, vista de modo a salientar o consolo interno

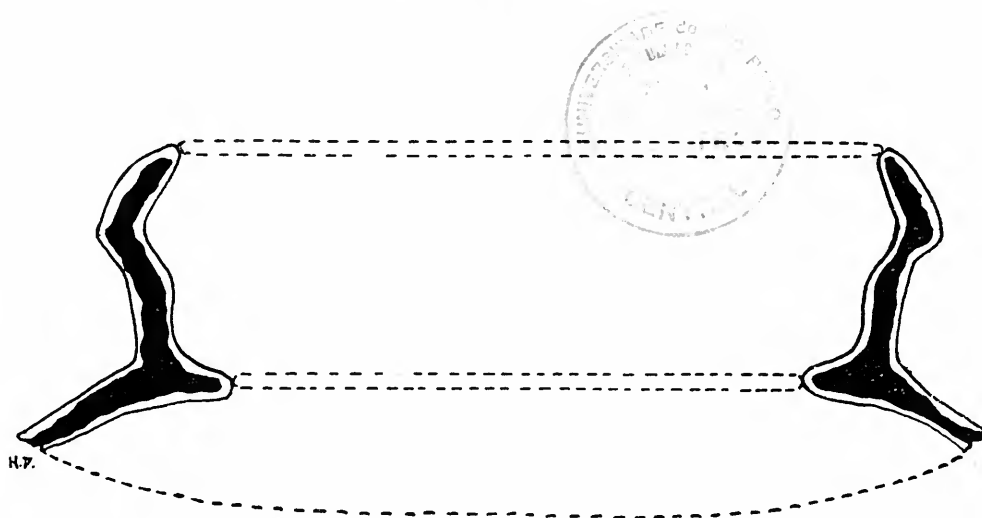


Fig. 1

Esquema da estrutura do bocal

FACULTAD DE FILOSOFÍA, CIENCIAS E LETRAS

Na borda de reforço, (Porção A, fig. 2) a ornamentação desapareceu quase por completo. Uma pequena zona conservou alguns traços do motivo que deveria repetir-se mais ou menos uniformemente em torno de toda a borda, pois num ou outro ponto, onde o ornamento é visível, o desenho não varia em sua configuração. É motivo simples, constando de linhas vermelhas que se cortam obliquamente formando pequenos losangos.

Segue-se á borda, uma faixa vermelha (Porção B, fig. 2), tendo em média 1,5 cms. No colo (Porção C, fig. 2), estão os motivos que constituem o campo principal da ornamentação do bocal. As figuras são geométricas, traço característico, aliás da ornamentação da maior parte dos vasos tupi-guaranis. Constam de gregas que deveriam formar o motivo principal de toda a decoração, tendo intercaladas linhas obliquas que se cruzam também para dar formação a pequenos losangos, e linhas verticais interceptadas por traços horizontais. Os traços todos são feitos com tinta vermelha. Infelizmente não nos é dado afirmar que todo o campo de gregas ao redor do bocal tenha recebido intercaladamente as linhas obliquas e perpendiculares que acabamos de mencionar, pois desapareceram quasi por completo de todo o colo. Um ou outro traço ainda é perceptível, mas insuficiente para determinar qual o desenho representado.

Na parte em que se inicia a parede do corpo do vaso foi traçado um estreito frízo vermelho, bastante irregular, com largura de 0,5 cms. em média. (Porção D, fig. 2).

A ornamentação da parte que restou da parede do vaso é igualmente constituída por gregas, as quais pelo que se pode deduzir das linhas ainda perceptíveis, constituíram o único desenho. (Porção E, fig. 2)

Interessante é verificar como os traços que formam os motivos ornamentais são irregulares. Parece-nos que a oleira indígena teve unicamente a preocupação de ornamentar, sem se preocupar com a regularidade do desenho. Isto é bastante curioso, porque contrasta com a ornamentação cuidadosa, regular, existente em outras peças de cerâmica tupi-guarani que examinamos.

Escreviamos, ao iniciar estas notas, que o bocal teria pertencido a um vaso destinado ao preparo de bebidas. Esta nossa suposição está baseada em gravuras que ocorrem nas obras de Hans Staden (4) e Thevet (5), nas quais estão representados vasos tendo bocal com forma mais ou menos semelhante ao do Museu da Faculdade. Os vasos referidos (alguns estão reproduzidos na Fig. 3) se encontram às pgs. 146 e 169 (Hans Staden) e pgs. 241 e 361 (Thevet).

(4) — Hans Staden — *Viagem ao Brasil* — Versão do Texto de Marburgo, de 1557, por Alberto Lofgren - Revista e anotada por Theodoro Sampaio - Publicações da Academia Brasileira, Rio de Janeiro, 1930.

(5) — Fr. André Thevet — *Singularidades da França Antartica* —, a que outros chamam de *America* — Prefácio, tradução e notas do Prof. Estevão Pinto. Brasileira, Série 5.a, Vol. 219 — São Paulo, 1944.

Nos vasos da pag. 146 da obra de Hans Staden o colo, em relação ao do bocal em estudo, é muito mais alto. Embora os desenhos do celebre cronista alemão sejam tidos por bastante fiéis, pode ser que o colo tenha sido reproduzido com algum exagero. Mesmo admitindo-se que a reprodução seja exata, o bocal não difere muito do nosso.

O bocal do vaso da pag. 169 tem semelhanças ainda mais acentuadas, conquanto pareça ter um diâmetro maior. A forma deste vaso concorda extraordinariamente com os que ocorrem no livro de Thevet; confrontem-se na fig. 3, os bocais dos vasos C e D. Veja-se a forma do bocal do vaso representado na gravura que está entre as págs. 180-181 da obra de Léry (6), que também é muito parecida.

Muita satisfação nos traria qualquer esclarecimento neste sentido por parte dos estudiosos do assunto.

Enquanto isto não se verifica, temos por assente que:

- a) — o bocal do vaso existente no Museu de Etnografia da Faculdade de Filosofia, é a única peça, com as características descritas, até agora conhecida;
- b) — o bocal pertenceria a um vaso destinado ao preparo de bebidas;
- c) — é elemento cultural dos grupos tupi-guaranis.

No mês de Fevereiro do corrente ano, o Exmo. Snr. Governador do Estado, Dr. Ademar de Barros, amavelmente ofertou ao Museu de Etnografia de nossa Faculdade diversas peças de cerâmica marajoára.

Dentre os objetos recebidos despertou logo a nossa atenção uma peça bastante curiosa; é de forma cilíndrica, de confecção grosseira, não apresentando as características de aprimorado acabamento que distinguem a cerâmica proveniente da Ilha de Marajó. Qual a sua utilidade, força é confessar, ignorávamos completamente.

Desejosos de identificar a peça recorremos às obras que tratam da já famosa cerâmica. Ao consultar o conhecido trabalho "Arte Indígena da Amazonia", de Heloisa Alberto Torres (7), deparamos à página 47 com uma fotografia onde estão representadas três peças (suportes para painéis) cuja forma nos parece ser a mesma da peça de nosso Museu. Consequentemente supomos ter identificado o objeto. Trata-se de um suporte para painéis.

Conquanto haja discordância nas dimensões das peças (a do Museu da Faculdade tem 14,5 cms. de altura e as do Museu Nacional 5,5 cms), não nos parece haver dúvida que se trata de idêntico objeto.

(6) — Jean de Léry — *Viagem à Terra do Brasil* — Tradução integral e notas de Sérgio Milliet, segundo a edição de Paul Gaffarel. Biblioteca Histórica Brasileira, São Paulo, 1941.

(7) — Heloisa Alberto Torres — *Arte Indígena da Amazonia* — Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.º 6, Rio de Janeiro, 1940.

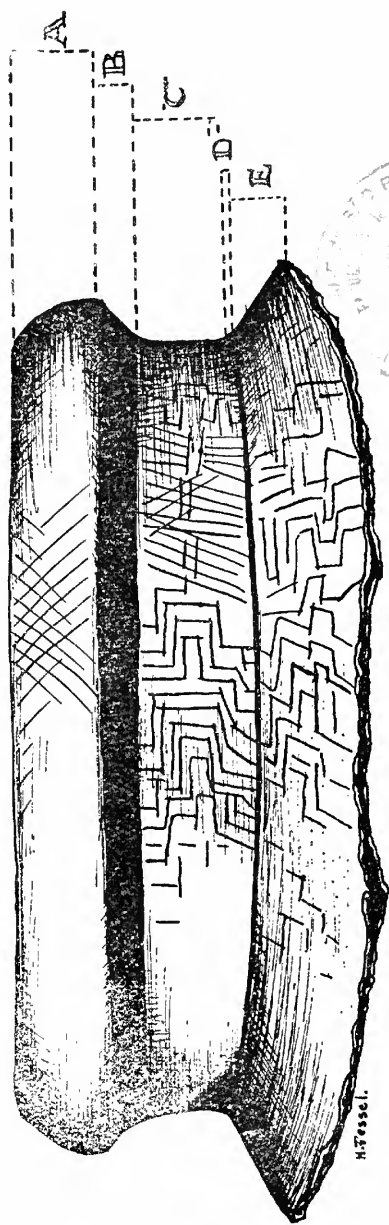


Fig. 2





A- (Staden, pg. 146)



C- (Staden, pg. 169)



B- (Thevet, pg. 361)



D- (Thevet, pg. 241)

h. Pei

Fig. 3

Peças tendo forma e dimensões quasi idênticas às representadas por Heloisa Alberto Torres, estão ainda em uso entre grupos indígenas atuais do Rio Negro, fato para o qual a autora chama a atenção em sua obra (8). No Museu da Faculdade há três destes suportes, com 5,0 cms. de altura, proveniente daquela região. Wallace à página 47 (fig c) de sua obra (9) reproduz peças semelhantes. Walter Edmund Roth (10) que também reproduz a gravura de Wallace, nos dá também uma reprodução de três suportes para painéis que ocorrem em obra de Koch-Grünberg, e que em muito se parecem com o suporte marajoára. Veja-se a lâmina 75 da obra de Roth.

Infelizmente não nos é possível dizer, no momento, qual teria sido o local exato e nem em que condições foi encontrado o suporte ora no Museu da Faculdade. Os informes que possuímos dizem apenas ser originário da Ilha de Marajó. Os que se acham na obra de Heloisa Torres provêm do Pacoval de Cururú (Marajó).

A peça, como relatamos, é de forma cilíndrica, aberta nas duas extremidades. A abertura da parte inferior tem um diâmetro médio de 12,8 cms. e a da parte superior, 11,3 cms. A espessura da borda, quer da parte superior, quer da inferior, varia entre 2,5 e 2,8 cms.

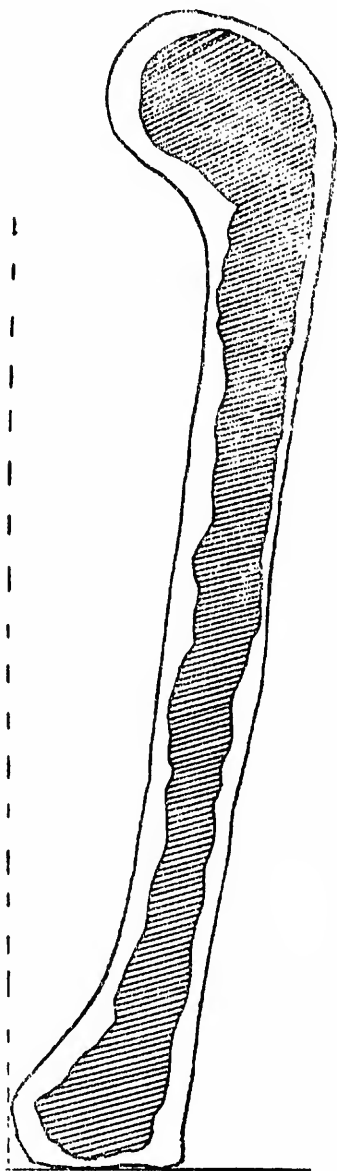


Suporte para painéis. Gabinete de Etnografia da Fac. de Filosofia

(8) — Idem, Ob. ct. Pg. 47.

(9) — Alfred Russel Wallace — *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro* — Tradução de Orlando Torres. Brasileira, Série 2.a Vol. 156. São Paulo, 1939.

(10) — Walter Edmund Roth — *An Introductory Study of the Arts, Crafts, and Customs of the Guiana Indians* — Thirty — Eighth annual Report of the Bureau of American Ethnology-Smithsonian Institution — 1916-1917. Washington, 1924.



Perfil, em tamanho natural, do suporte para painéis

Nas paredes da peça foram feitos quatro orifícios irregulares cujos diâmetros variam entre 2,5 e 3,0 cms. Os orifícios distam um dos outros aproximadamente 8,5 cms. As peças reproduzidas por Heloisa Torres também são providas de orifícios, embora não possamos afirmar qual o seu número. Na fotografia são perceptíveis apenas dois.

A borda superior, que é saliente na parte externa, é provida de proeminências mamiformes, as quais provavelmente serviriam para dar maior estabilidade à panela. Como falta uma parte da parede do suporte, é difícil sabermos quantas proeminências existiriam. Restou uma completa e ficou perceptível o local onde havia sido modelada uma outra. Supomos que seriam em número de quatro. As peças que ocorrem na "Arte Indígena da Amazonia" apresentam igualmente proeminências. Uma parece possuir quatro, as outras apenas três.

O acabamento da peça não se fez com capricho. A superfície de ambas as faces das paredes, foi muito mal polida, a ponto de terem permanecido as naturais asperezas resultantes de sua confecção manual. Não apresenta o menor sinal de pintura. O mesmo aspecto oferecem as peças da obra de Heloisa Torres.

Terminando queremos deixar explícito que estas notas visam apenas a fornecer elementos para estudos mais completos atinentes à cerâmica indígena. Estas afirmações estão sujeitas as mais amplas retificações. Todo e qualquer esclarecimento será recebido com os nossos melhores agradecimentos e satisfações. (11)

(11) — Estas notas já estavam no prelo, para a impressão definitiva, quando chegou às nossas mãos o trabalho de Helen C. Palmatary: "The Pottery of Marajó Island, Brasil" (Transactions of American Philosophical Society New Series, Volume 39, Part. 3. 149, The American Philosophical Society, Philadelphia, July, 1950). A pg. 336, prancha 8, fig. a. Palmatary reproduz uma fotografia de peça semelhante a de nosso Museu, sómente desprovida dos orifícios referidos. Tem 19 cms. de altura. Palmatary referindo-se à peça, classifica-a como "cylindroid post stand" (pg. 290), o que confirma plenamente a nossa suposição de que se trata de um suporte para painéis. Esta autora, na mesma página, refere-se também às três peças que se acham no trabalho de Heloisa Torres.

ROLETINS PUBLICADOS PELA CADEIRA DE ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANI

- N.º 1 — Dos índices de relação determinativa de posse no tupi-guarani — Plínio Ayrosa — 1939.
- N.º 2 — Poemas brasílicos do Pe. Cristóvão Valente, S. J. (Notas e tradução) — Plínio Ayrosa — 1941.
- N.º 3 — Contribuição para o estudo do Teatro Tupi de Anchieta — Diálogo e Trilogia (Segundo mss. originais do Sec. XVI) — M. de L. de Paula Martins — 1941.
- N.º 4 — Apontamentos para a Bibliografia da Língua tupi-guarani — Plínio Ayrosa — 1943.
- N.º 5 — Designativos de parentesco no tupi-guarani e Notas sobre a ocorrência da partícula *tyb*, do tupi-guarani, na toponímia brasileira — Carlos Drumond — 1944.
- N.º 6 — Poesias tupis (século XVI) — M. de L. de Paula Martins — 1945.
- N.º 7 — Nota sobre relações verificadas entre o Dicionário Brasileiro e o Vocabulário na Língua Brasilica — M. de L. de Paula Martins — 1945.
- N.º 8 — Considerações sobre alguns pontos mais importantes da moral religiosa, etc. dos pretos da África ocidental portuguesa. Memória por Antonio Gil — Reedição e introdução de J. Philipson — 1945.
- N.º 9 — Nota sobre a interpretação sociológica de alguns designativos de parentesco do tupi-guarani — J. Philipson — 1946.
- N.º 10 — Notas sobre os trocanos — Carlos Drumond — 1946.
- N.º 11 — “O parentesco tupi-guarani” — J. Philipson — 1946.
- N.º 12 — Da partícula hab.a do tupi-guarani — Carlos Drumond — 1946.
- N.º 13 — Alguns Apontamentos de Arqueologia e Pré-história — José Anthero Pereira Junior — 1948.
- N.º 14 — Notas sobre algumas traduções do Padre Nosso em tupi-guarani — Carlos Drumond — 1948.
- N.º 15 — Breves apontamentos de arqueologia comparada — José Anthero Pereira Junior — 1949.
kotka, 1950.
- N.º 16 — Les Langues de La Famille Tupi-guarani — Cestmir Loukotka — 1950
- N.º 17 — Orações e Dialogos da Doutrina Cristã na Língua Brasileira — Mss. do Séc. XVIII, transcritos e anotados por Plínio Ayrosa — 1950.